

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-277-7

DOI 10.22533/at.ed.777192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

O livro faz parte da publicação em três volumes na qual reúne trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades de diversas regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados. Por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil.

Meu primeiro desafio é em relação à escolha do discurso que irei adotar para tratar sobre o tema deste livro, já que a comunicação não pode ficar dúbia, tampouco simplória ou demasiadamente complexa, independentemente de quem venha a ser o interlocutor, seja filósofo, educador, mestre ou aluno.

Neste processo que aqui início, permito-me devanear sobre a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós na área das ciências humanas?

Contudo, como reconheceu Foucault, o começo de qualquer discurso é angustiante. Ele, que tratou o tema com seriedade e rigor, confessou o peso do início do discurso em sua aula inaugural no Collège de France, e em sua fragilidade humana, confessou: “Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível” (p. 5).

Escrever é como falar: uma captação de palavras, a busca, com a obstinação de um arqueólogo, pelas mais apropriadas para dar forma ao pensamento. Percebo que a língua é uma matéria-prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor ao confronto com a própria solidão, o embate com lacunas de algo que poderia estar ali e que, por isso mesmo, pode levar à confusão.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento. Quase sempre nos referimos à construção de saberes sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos, essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever, e por consequência, cada vez mais nos mantemos em solidão. E assim corremos o risco de nos afastarmos do mundo e dos papéis que, nas ruas, nas esquinas e em nossas casas e classes, tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns podem apontar que a fala de alguém não escolarizado compartilha e participa de uma produção carente, grosseira, desdenhativa, de senso comum. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários das pessoas para entender a vida, é uma configuração legítima e qualificada de conhecimento. Todavia, alguém poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas, e estamos aqui falando de sistemas de verdades produzidos pelas ciências humanas, não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades”. Nesse “esclarecimento”, torna-se explícita a notória divisão entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento das experiências de vida dos personagens que pretendemos pesquisar se evidencia diante das fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo e a ameaça de sofrermos agressões desse mundo que nos parece exterior nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial, e assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.

Walter Benjamin

Parece que estamos sempre no limite com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto concluído, nas diversas formas de registro, para recomeçarmos o mesmo ciclo logo em seguida. Estamos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida. Se isto por si só não fosse suficiente, acabamos nos tornando “pessoas-produtos” por conta da constante avaliação em relação ao que produzimos. O próprio jogo institucional nos classifica como pesquisadores melhores ou piores, medianos ou brilhantes, e nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a nos enxergar sob a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos, assim, vaidosamente uns dos outros, como se estivéssemos ofuscados por um enclausuramento defensivo.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e analisamos sua natureza em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas, codificadas em livros e artigos que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos nos manter intactos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, neste período histórico, isso a que chamamos de *estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, uma escola

inclusiva, oposta àquela em que nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissíveis entre si.

Uma questão que me desanima é a seguinte: afinal, o que estamos fazendo com o cuidado de si a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998), “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (p.13).

O retorno transformador do conhecimento para aquele que o detém deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar separado do processo de produção do conhecimento enquanto tal, conforme pondera Foucault:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? [...] O “ensaio” [...] é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento (FOUCAULT, 1998, p. 13).

Foucault nos convida a filosofar como um exercício de (re)escrita de si, por meio de

práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 1998).

A importância das ciências humanas para a produção de conhecimento, no entanto, não se resume somente à área da educação, mas abrange a nós como um todo, já que habitamos os espaços nos quais, institucionalmente, conferimos materialidade às faculdades de educação. Todavia, coloquei-me como membro desta e escrevo como parte dela. Portanto, faço parte do jogo que pretendi desnudar.

E ainda perseguindo a ideia de que nossa produção por vezes se torna uma compulsão, que não nos permite ter tempo para nos deleitarmos com o que produzimos, tento pensar como sair efetivamente desse impasse.

Em certas circunstâncias, creio que nos iludimos ao pensar que, quanto mais aprendemos, mais teoricamente afinados ficamos e mais temos a ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que de fato ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, é um desejo semelhante ao movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora, mas que pode ser praticada no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno, em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E que talvez não seja possível estabelecer como e de que maneira o atende.

O que sabemos é o ponto de partida da nossa oferta, e não a satisfação da demanda daquele que busca conhecimento.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações de época em época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas maneiras particulares de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que é válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo determinado pela situação.

Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação, inicialmente abordaremos o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin, de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica para acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POLIFARMÁCIA NO IDOSO: O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DAS IATROGENIAS	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.7771924041	
CAPÍTULO 2	8
PRAZER E SOFRIMENTO DOCENTE NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: UMA REVISÃO TEÓRICA NA PERSPECTIVA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO	
Chancarlyne Vivian Letícia de Lima Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.7771924042	
CAPÍTULO 3	19
RELAÇÃO ENTRE A ESCOLARIDADE E A COGNIÇÃO EM PESSOAS IDOSAS DO DEPARTAMENTO DO IDOSO DA FUNDAÇÃO PROAMOR DE PONTA GROSSA-PR, BRASIL	
Fabio Ricardo Hilgenberg Gomes Gislaine Cristina Vagetti Aline Bichels Luana Suemi Fujita Cinthia Fernanda da Fonseca Silva Valdomiro de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7771924043	
CAPÍTULO 4	32
RELATO COM A PRÁTICA DE ENSINO ATRAVÉS DO ESTAGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Edison Vieira Gonçalves Junior Diego Paschoal de Senna	
DOI 10.22533/at.ed.7771924044	
CAPÍTULO 5	41
RESILIÊNCIA DE PESSOAS IDOSAS: PERCURSOS	
Sheila Marta Carregosa Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.7771924045	
CAPÍTULO 6	51
SOBRE O SUICÍDIO: AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE KARL MARX	
Érika de Freitas Arvelos, Tayná Bonfim Mazzei Mazza	
DOI 10.22533/at.ed.7771924046	

CAPÍTULO 7	65
TAMBORIL: LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO, PARÂMETROS AMBIENTAIS E PRIMEIROS DADOS ARQUEOMÉTRICOS	
Sônia Maria Campelo Magalhães Ennyo Lurrik Sousa da Silva Heralda Kelis Sousa Bezerra da Silva Luis Carlos Duarte Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.7771924047	
CAPÍTULO 8	81
TRABALHO E DEVOÇÃO: A RECONSTRUÇÃO DA CAPELA DE SÃO JOÃO MARIA EM COCHINHOS, IRATI-PR, DÉCADA DE 1960	
Victor Huggo Lopes do Amaral Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7771924048	
CAPÍTULO 9	95
TRABALHO E ESCOLA: RELAÇÕES QUE PERMEIAM A ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO DO ENSINO MÉDIO NOTURNO	
Andreia Tavares Angela Maria Corso	
DOI 10.22533/at.ed.7771924049	
CAPÍTULO 10	109
TRABALHO, APOSENTADORIA E LAZER COMO HABITUS SEGUNDO IDOSOS QUE FREQUENTAM A ASSOCIAÇÃO BANESTADO EM PONTAL DO PARANÁ-PR	
Carla Roseane de Sales Camargo Rita de Cássia da Silva Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.77719240410	
CAPÍTULO 11	120
TRANSPORTE COLETIVO: LUGAR DE DESEJOS E CONTRADIÇÕES NA CAPITAL PIAUIENSE (DÉCADA DE 1970)	
Cláudia Cristina Da Silva Fontineles Allan Ricelli Rodrigues De Pinho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240411	
CAPÍTULO 12	134
UM DEBATE AINDA NECESSÁRIO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FORMAÇÃO E AÇÃO DOS PROFESSORES DE UM COLÉGIO DA REDE ESTADUAL DE PELOTAS-RS NA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR	
Letícia Campagnolo Cavalheiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240412	
CAPÍTULO 13	139
UMA ANÁLISE DO OLHAR DOS ALUNOS ACERCA DO USO DE DOCUMENTÁRIOS DO CANAL HISTORY CHANNEL EM AULAS DE HISTÓRIA	
Maria Paula Costa Tainá Raue dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77719240413	

CAPÍTULO 14	143
UNIVERSIDADE E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: NOTAS SOBRE UMA INVESTIGAÇÃO COM JOVENS ESTUDANTES SECUNDARISTAS DAS PERIFERIAS DE GOIÂNIA, LISBOA E MADRID	
Rosane Castilho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240414	
CAPÍTULO 15	154
VERDADE, VEROSSIMILHANÇA E PROGRESSO CIENTÍFICO EM POPPER	
Sebastião Maia de Andrade	
Aristides Moreira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240415	
CAPÍTULO 16	163
VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES. MALLETT/PR, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Valdinéia Strugala	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77719240416	
CAPÍTULO 17	174
A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL E INCLUSÃO ESCOLAR NA UNIVERSIDADE	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240417	
CAPÍTULO 18	185
FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003	
Danilo Rodrigues do Nascimento	
Flávia Rodrigues Lima da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.77719240418	
CAPÍTULO 19	194
INFLUÊNCIA DA IDADE NA MEMÓRIA E COGNIÇÃO DE IDOSOS FREQUENTADORES DE UM PROGRAMA DE EXERCÍCIO FÍSICO SUPERVISIONADO	
Bianca Yumie Eto	
Giovana Gomes dos Santos	
Maria Carolina Rodrigues Salini	
Regina Celi Trindade Camargo	
Claudia Regina Sgobbi de Faria	
Franciele Marques Vanderlei	
Laís Manata Vanzella	
DOI 10.22533/at.ed.77719240419	
CAPÍTULO 20	205
NORMALIDADE E DIFERENÇA: VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA	
Akeslayne Maria de Camargo	
Iris Clemente de Oliveira Bellato	
Louise Gomes de Pinho	
Emília Carvalho Leitão Biato	
Barbara E. B. Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.77719240420	
SOBRE A ORGANIZADORA	219

RESILIÊNCIA DE PESSOAS IDOSAS: PERCURSOS

Sheila Marta Carregosa Rocha

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sheila.carregosa@gmail.com

RESUMO: A resiliência é um termo emprestado das ciências exatas, relativa a objetos, cuja investigação dos pesquisadores reside no fato de descobrir as propriedades e reações determinantes para uma mudança no seu estado físico-químico. A Psicologia apropriou-se dessa terminologia para observar os fatores intrínsecos e extrínsecos do ser humano capazes de transformar choques, traumas das emoções que fazem as pessoas desenvolverem a capacidade regenerativa de seu eu. A Sociologia percebe que a própria sociedade pode auxiliar o indivíduo a resignificar representações e projeções sociais inerentes a estereótipos que foram desenvolvidos num determinado tempo e espaço como grupo pertencente a uma cultura. O vasto campo das Ciências Humanas vai auxiliar nesse processo de superação mental, física e química do paciente, visando uma qualidade de vida melhor, preocupando-se com o seu bem-estar. Refletir sobre a resiliência entre as pessoas idosas é um desafio significativo, mas não impossível. Os idosos representam no Brasil 14,3% segundo dados do IBGE em 2015. A tendência é um crescimento nesse índice e isso justifica preocupações, agendas

e discussões para garantir uma melhor qualidade de vida das pessoas idosas. Por isso objetiva-se refletir sobre os mecanismos da resiliência que podem garantir essa qualidade. Utilizando uma abordagem metodológica de natureza qualitativa, de método dedutivo e de técnica a pesquisa bibliográfica e observação participante.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Idosos; Resiliência.

1 | INTRODUÇÃO

Os estudos demográficos apontam para várias estatísticas a respeito da população de idosos, quer seja nacional ou mundial. Realidades e prospecções, que certamente convergem para um crescimento em potencial face de vários fatores que contribuem para esse aumento. 14,3% ou outro percentual indicam uma atenção maior para as necessidades da população idosa, que trabalha ou não, que tem problemas de saúde ou não, que faz uma atividade física ou não, que tem família ou não; enfim essas questões precisam ser repensadas pela sociedade, pelo Estado e pela própria pessoa idosa, para proporcionar uma melhor qualidade de vida.

A resiliência traz à tona seus conceitos, mais também instrumentos e mecanismos

necessários para responder positivamente à qualidade de vida. E a Psicologia oferece uma investigação interessante para perceber os pontos que precisam ser trabalhados, resignificados, o que precisa ser feito e qual o resultado disso.

A velhice, a pessoa idosa, a terceira idade, a pessoa velha, ancião, sênior, ou qualquer outra denominação que se atribua a pessoa maior de 60 (sessenta) anos no Brasil, significa que se encontra protegida por legislações, dentre elas, 12.741/2003 (Estatuto do Idoso). Benefícios, garantias, proteções em vários segmentos, saúde, educação, transporte, previdência, assistência social, enfim, a direitos individuais e sociais. A sua vulnerabilidade está na idade, portanto é suficiente ter atingido a idade mínima para ter efetivamente privilégios, que são tratamentos desiguais aos desiguais na medida de suas desigualdades.

Quais os fatores internos e externos que fazem do idoso uma pessoa resiliente? Esse questionamento irá perdurar a investigação desse artigo, cujo objetivo é refletir sobre os mecanismos internos e externos que conduzem a melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas.

2 | METODOLOGIA

Este artigo encontra-se desenhado pensando na “psique” da pessoa idosa, na contribuição da família, na rede de apoio social e nas políticas públicas voltadas a ajudá-la nessa etapa da vida, não como uma adversidade, mas como um privilégio atingir a idade avançada diante de tantas questões que afetam o indivíduo e interrompem trajetórias.

Para isso foi utilizada a metodologia de abordagem qualitativa, de método dedutivo e técnica da pesquisa bibliográfica e observação participante, para investigar o percurso da Psicologia a fim de lidar com questões internas e que podem emergir e serem tratadas. Este artigo suscita a reflexão, provoca a discussão e doravante instiga outros olhares e profícuos debates sobre o envelhecer com qualidade de vida, a partir da perspectiva da resiliência.

3 | DISCUSSÃO

3.1 Pensando num conceito para Resiliência...

A origem do vocábulo resiliência encontra-se no latim *resilio*, que significa “retornar a um estado anterior, voltar, recuar” (BARLACH et al., 2008; MINELLO, 2010) Assim, no século XIX, construiu-se um conceito ligado ao objeto cuja “propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora da deformação elástica” (FERREIRA, 1975, p.1223).

Estabelecendo uma analogia com a física e a engenharia, a Psicologia, desde a década de 1970, procurou identificar de um lado, os fatores de risco e, de outro,

a resiliência que influenciavam o desenvolvimento das pessoas que se adaptavam positivamente, apesar de conviverem com um ambiente adverso.

Começa então o interesse na investigação desses fatores, cujos indicadores foram catalogados em escalas, testadas entre as pessoas, diversificando as coletas de acordo com o sujeito da pesquisa, bem como nos resultados apresentados, a fim de perceber qual ou quais a(s) motivação(ões) que contribui(em) efetivamente nesse processo e de que maneira a Psicologia pode influenciar e auxiliar nessa demanda, uma vez que as emoções constituem objeto de investigação dessa Ciência.

Assim surge a estruturação de geração de pesquisadores sobre a temática. Observaram as qualidades pessoais que 24 permitiam a superação da adversidade (autoestima, autonomia, etc.), como também nos fatores externos ao indivíduo, tais como nível socioeconômico, estrutura familiar, etc. (INFANTE, 2005). Em outra geração de pesquisadores, percebeu-se que o conhecimento e o entendimento da resiliência foram testados em outros grupos de interesse, como adolescentes, adultos, trabalhadores e inclusive organizações (WAGNILD, 2009). Isto significa que a identificação de fatores e os resultados eram variáveis importantes na observação da resiliência.

Uma nova geração de pesquisadores já compreendeu que a investigação não estava nem nas “pontas” nem no final, com o resultado, mas sim no “meio”, no caminho em si, por isso definiu a resiliência como “um processo dinâmico que tem como resultado a adaptação positiva em contextos de grande adversidade” (LUTHAR et al., 1991). Os passos ou etapas adotadas entre o início e o final, para identificar o percurso como cada um, inclusive a pessoa idosa, adota para “superar” ou modificar o resultado, transformando o negativo em positivo.

Discutindo o conceito, para Rutter (1987) “Indivíduos resilientes possuem amor próprio, crença em sua eficácia, várias habilidades para resolução de problemas e relações interpessoais satisfatórias”. Três variáveis são importantes para compreender o conceito do autor: amor, habilidades e relações. Medir o grau de amor próprio das pessoas é algo complexo de realizar, todavia o quê o pesquisador pode observar é que há uma ligação estreita entre a pessoa resiliente e as outras, que também podem ser resilientes. Não se verifica o ser e sim o momento e as relações humanas. Em sendo assim, a pessoa desenvolve a habilidade para resolver questões.

Mais tarde, Rutter (1987) considera a resiliência como um “processo dinâmico envolvendo interação entre processos de risco e proteção – internos e externos ao indivíduo – que agem para modificar os efeitos de eventos adversos da vida”. Já alarga o conceito e o considera como um processo que está em permanente alteração entre risco e proteção, e que vão influenciar num resultado. Essa alternância que o conceito sugere, é interessante na medida em que o indivíduo estar resiliente e não mais é, por possuir um sentimento, mas a capacidade de se adaptar às circunstâncias.

Efetivamente a década de 90 do século XX contribuiu para o conceito da resiliência na perspectiva dinâmica e em construção de mudança de sentimento, de pensamento

e, conseqüentemente, de ação do indivíduo. “O processo de, capacidade para, ou resultado de adaptação com sucesso, apesar das circunstâncias desafiadoras ou ameaçadoras”. Compreendendo que as situações adversas ocorrem para provocar uma reação contrária, de superação do indivíduo.

Na linha do meio termo entre a incapacidade e a capacidade, entre o fracasso e a superação, histórias acontecem para demonstrar uma alternância permanente entre estados antagônicos. A exemplo de Garmezy (1985) que percebe a resiliência como “esforços feitos para recuperar ou manter o equilíbrio, quando sob ameaça”. Se esse equilíbrio for emocional, a pessoa idosa precisa de um profissional, de familiares e da sociedade para se restabelecer; todavia se for físico, a limitação é maior e a rede de apoio também.

Inerente à ontologia do ser, a resiliência é observada como “uma característica da personalidade que modera os efeitos negativos do stress e promove a adaptação” (WAGNILD; YOUNG, 1993). Assim uma escala é desenvolvida para confirmar os níveis de stress e da capacidade adaptativa do indivíduo. Daqui vem a interpretação e ideia de atrelar a resiliência à capacidade de superação do indivíduo.

Como escolher entre o positivo e o negativo; entre as fortalezas e as fraquezas? Quais seriam esses mecanismos internos que são acionados para, toda vez que ocorrer um “desequilíbrio” ou uma adversidade, o ser humano demonstrar essa competência intrínseca “que enfatiza capacidades e atributos positivos ao invés das fraquezas e patologias humanas” Werner (2001)? Quais as motivações internas de um idoso resiliente? A pessoa idosa ao mesmo tempo quer viver, porque já alcançou um grande feito na vida; não encontra mais motivação para seguir em frente sem uma “âncora”, um suporte, por isso as memórias é uma zona significativa de conforto.

Completando as variáveis sobre o objeto de estudo resiliência, “é conceituada em termos de competência pessoal, tolerância ao stress, aceitação da mudança e crença em influências místicas” Connor & Davidson (2003). O componente místico quer dizer atividades ligadas à fé e a outras filosofias de vida ou que promovem autoajuda. Todos estes fatores extrínsecos válidos na busca de empreender um sentido de vida aos idosos, por exemplo, resignificando ideias e valores pré-concebidos.

Por fim, selecionando os conceitos que dialogam e se completam, não discriminando os outros mais diversos e adversos possíveis, a resiliência é uma “adaptação positiva apesar da exposição à adversidade que envolve o desenvolvimento progressivo, com novas vulnerabilidades e novas forças emergindo com novas experiências de vida” Luthar *et al.* (2000). Certamente como uma capacidade de se reinventar. A pessoa idosa necessita tanto de motivações internas quanto uma rede de apoio externa para estar sempre se superando, medos, anseios, decepções, raivas, impaciências, angústias e solidão, entre tantos outros sentimentos inerentes à ideia concreta do esquecimento, do preconceito e da potencial necessidade de dependência do(s) outro(s). É a alternância entre a autonomia e a dependência, entre a liberdade e as prisões emocionais, de muros invisíveis construídos, e também barreiras físicas, de

quartos, cada vez menores na vida da sociedade e da família.

As pesquisas mais recentes sobre o conceito de resiliência, Grotberg (2005) define como sendo “a capacidade humana para enfrentar, vencer e sair fortalecido ou transformado por experiências de adversidade”. Wagnild (2011) na mesma linha que Grotberg(2005), afirma que constitui na capacidade de “responder às adversidades com resiliência não significa voltar à situação original após o problema”. Distanciando por completo do significado das Ciências Naturais, cuja capacidade do objeto é de se reconstituir e retornar às suas propriedades iniciais. Independente, a resiliência faz a pessoa mudar hábitos, pensamentos, sentimentos e emoções para viver melhor.

3.2 Discutindo os fatores de risco e os de proteção

Competência pessoal e aceitação de si mesmo são essenciais no processo de autoconsciência e superação. Muitas questões voltadas à pessoa idosa precisam ser levadas em consideração. Há idosos fisicamente capazes, outros não; idosos psicologicamente equilibrados; outros não; idosos que nunca desenvolveram características como segurança, controle e perseverança, então como iriam conseguir atingir esses níveis senão com a ajuda de outras pessoas, num sentido mais amplo possível. Ao tempo em que, idosos que sempre tiveram resistência ao novo, à mudança e aos outros, como iriam com a idade avançada superar seus medos, crenças e desejos?

A Escala de Resiliência de Wagnild & Young, traduzido por Pesce et. al.(2005) é dividida em três fatores, sendo que o fator I apresenta questões relacionadas com a competência pessoal e aceitação de si mesmo e da vida (auto-confiança, independência, determinação, invencibilidade, controle, desenvoltura e perseverança). O fator II apresenta questões acerca da aceitação de si mesmo e da vida (adaptabilidade, equilíbrio, flexibilidade e perspectiva de uma vida equilibrada). O fator III apresenta questões que abordam apenas a competência pessoal. (PESCE *et al*, 2004, p. 135-143).

Há que se pensar se essas perguntas da Escala são suficientes e necessárias para delimitar o grau de resiliência. E a partir desse questionário investigativo, aplicação e análise, quais seriam as próximas medidas a serem adotadas. É um fluxo contínuo ou rito de passagem que faz perceber a dinâmica da capacidade ou não de resiliência. Quando se é mais resistente a tudo isso, há uma dificuldade de se processar a resiliência, todavia a menor resistência ou nula, a probabilidade de mudança é bem maior. Além de ser uma questão de força para a física, é também uma motivação interna ou externa que proporciona essa superação.

Ainda que se desenvolva um instrumento eficaz na investigação para detectar se a pessoa idosa é resiliente ou não e qual o grau, para poder a partir daí planejar ações sociais e políticas públicas que o auxiliem nessa transmutação, há que se considerar que, nem idosos da mesma geração são iguais, ou agem da mesma forma. É interessante não criar estigmas de acordo com os resultados alcançados após a aplicação do questionário, até porque cada pessoa tem a sua individualidade

e liberdade para pensar e agir de acordo com a sua própria consciência. Não há “caixinhas” em que são colocados os perfis dos idosos com suas aproximações para se chegar a certa e determinada solução padrão (LEHR, 1999).

RESULTADOS

Aleatoriamente, algumas perguntas desse instrumento foram feitas aos idosos matriculados na Universidade da Terceira Idade da UNEB de Alagoinhas, sem uma formalidade ou métodos mais apurados para constatar se há resiliência entre os idosos, se sempre foram assim e quais as motivações. Numa palestra mais informal, utilizando a técnica da observação participante, a pesquisadora constatou que existem alguns fatores de risco internos e externos. Os fatores internos são a resistência a admitir impossibilidades, forças e a vontade própria. Os fatores externos são os espaços, os tempos, as outras pessoas que dificultam a acessibilidade.

Os idosos, que frequentam a UATI, têm consciência plena de que aquele espaço de socialização é uma importante motivação. Consideram que a família pode ajudar nessa aproximação e convívio, mas em contrapartida pode dificultar. Percebem que a sociedade não os recebe bem, principalmente quando se trata de transporte público, de atendimento de saúde e outros espaços de convivência pública.

As atividades propostas pela UATI são significativamente importantes para que os idosos possam ter uma qualidade de vida e recorrer menos aos postos de saúde pública. A música é um instrumento importante para reverberar a voz presa e “rouca” dos pesados anos; a letra revela memória viva de acontecimentos importantes e que a lembrança traz naquele determinado momento. O canto é uma expressão e explosão de sentimentos reprimidos e prontos para serem soltos ao ar. A dança circular aflora a sensualidade da juventude que está escondida naquele corpo velho. O poema é declamado com altivez, leveza e sonoridade que percorre do pensamento até o coração. A expressão artística nos desenhos faz com que aflore representações simbólicas de um passado presente e de um presente futuro. As técnicas corporais são fundamentais na vida dessas pessoas, a começar pela respiração, que parece algo instantâneo e simples, mas que precisa ser sentida e profunda, como se tivesse limpando a alma.

A UATI é um espaço de convivência ou fator de proteção, mas é também o preenchimento de um tempo esquecido ou nunca vivido, em contato com as artes e a humanidade. Esse lugar é um refúgio na vida desses idosos e um laboratório de aprendizagens para as pessoas que estão comprometidas com esse projeto, que se envolvem, inventam e reinventam atividades a serem desenvolvidas pelos protagonistas dessa história.

Outro local de pertencimento é a família. A família que cuida e acolhe que envolve e coloca na agenda diária a convivência e a gratidão. Cada relação de parentesco com a pessoa idosa é peculiar, alguns mais próximos, outros mais distantes. Mesmo

os idosos mais autônomos, a dependência emocional vai gradativamente crescendo, porque as relações sociais são cada vez mais restritas, ou porque os amigos já não se encontram mais por perto, ou porque o idoso está aposentado, ou porque perdeu o cônjuge ou convivente. “Morando junto, o idoso ajuda os filhos nos cuidados com os netos e, também, contribui com o dinheiro de sua aposentadoria ou pensão. Em troca, receberia o cuidado que lhe é necessário. Trata-se de apoio intergeracional de mão dupla”(NERI et al., 2013, p.269).

A família é partícipe diretamente desse outro capítulo da história. Ao tempo em que, preserva-se o respeito, há sérios conflitos e discussões, não pela substituição de poder ou de dominação, mas a percepção da realidade e dos valores são outros. A família divide as tarefas e ocupações com a pessoa idosa; por outro lado, muitos idosos ainda são cuidadores e provedores de suas respectivas famílias. A necessidade de o idoso se sentir inserido em algum grupo de convivência é importante para o seu bem-estar e, conseqüentemente, longevidade. Sentir-se útil é importante para o idoso na família porque a sensação é de cuidar, se está cuidando, está sendo útil. A família é uma motivação para o idoso resiliente, ao tempo em que consiste num fator de proteção externo. Ela estimula a reviver ciclos de vida, como escola, festas e trabalho, e uma oportunidade de o idoso transmitir sua experiência.

“O envelhecimento populacional tem propiciado um maior número de arranjos domiciliares multigeracionais, principalmente em países em desenvolvimento”(NERI, et al.,2013, p.268). Essas relações intergeracionais são importantes para a pessoa idosa porque são construídas diária e ininterruptamente, ambos trocando experiências e descobrindo como lidar com as situações adversas que surgem na dinâmica dessa relação.

Segundo o IBGE existem 196 tipos de arranjos familiares, “na velhice, os tipos de arranjos guardam relação com a percepção de suporte social e com a expectativa de cuidado. São, assim, indicadores de integração social e da possibilidade de construção de laços sociais para apoio instrumental, informativo e emocional” (NERI et al.,2013, p. 268).

As religiões também fazem parte dessa rede de apoio ao idoso. Buscar na fé um alento é sentir uma energia que o fortalece na vida diária. É sentir-se útil, desenvolvendo e contribuindo com as diretrizes da igreja, com projetos e ações, como se estivesse prestando um serviço voluntário, que beneficie o outro. É também um espaço de socialização e de convívio com os seus pares e com outras gerações. É uma forma de pertencimento a uma rede de convívio social, de amparo não somente material, mas emocional. Pesquisadores já estão investigando essa inter-relação do idoso com a fé, “tendência recente e influente na psicogerontologia atual é a que considera a espiritualidade/religiosidade como variável mediadora entre os eventos estressantes e as respostas dos idosos aos eventos negativos da velhice, ou como um recurso de enfrentamento (SOCCI, 2010, p.98)

Afé também é um encontro íntimo e singular com suas razões, seus pensamentos,

a consciência de seus erros e acertos. É um exercício de reflexão no tempo pretérito que não volta mais, do tempo presente que se depara com os percalços, de uma incógnita do tempo futuro. Há um universo desconhecido de informações entre os mundos espiritual e material, e o idoso percebe que tudo que podia ser feito, já foi realizado, e resolve se entregar a esse universo mais refinado do pensamento.

CONCLUSÕES

A resiliência da pessoa idosa é a forma de se reinventar, de buscar e fazer atividades que lhe dão prazer. É descobrir maneiras de fugir da rotina diária para evitar pensar em doenças e procurar médicos para tomar remédios, que não podem curar a doença da alma.

Ter filhos não é uma garantia de cuidar na velhice. Ter filhos é cuidar deles a vida inteira. O inverso é uma incógnita. Pais educam seus filhos para a independência e como podem exigir o cuidar na dependência? Os idosos são livres, independentes e autônomos para escolher e desenvolver quaisquer atividades ligadas à mente, ao corpo e à alma, e isso prolonga o envelhecimento. Se for diferente, o Sistema Único de Saúde no Brasil receberá uma grande demanda para cuidar não somente do físico-orgânico, mas também do vazio interior que não tem medida, nem fim. E para essa dor específica, o remédio da alma pode estar na UATI, como também no amor da família.

Não se espera o retorno ao estado anterior, mas que as dificuldades que apareçam, tanto de relacionamento, quanto outra situação possa ser percebida pela pessoa idosa como mais um aprendizado e uma oportunidade de pensar e agir diferente e possa ter resultado diferente, mesmo que o que se espera seja um resultado positivo.

Pensar, sentir e agir diferentes para ter outro resultado que seja benéfico para a pessoa idosa. Esta é a proposta da resiliência. Se o idoso sempre reclamou de tudo e todos, que ele possa perceber que essa atitude não importa e não cabe mais numa conjunta atual, em que os filhos cresceram e têm seus próprios filhos. Atribuir funções não significa emprestá-las de forma consignada, que, a qualquer tempo pode ser cobrada e retirada.

Esperar que a sociedade civil se envolva com a questão do bem-estar no envelhecimento é uma atitude passiva sem garantia que isso aconteça; poucos são os projetos sociais voltados para a questão dos idosos. Ainda que se tenham poucas instituições de longa permanência, muitos idosos são obrigados a estar com a família porque não existe um projeto social que construa essa rede de apoio. No âmbito acadêmico, discute-se muito e executa-se pouco. É fato que há uma necessidade urgente e real de não somente se pensar sobre essa questão, sobretudo de agir, de intervir no terreno e fazer algo efetivo pelas pessoas.

Receber do Estado brasileiro alguma política pública voltada para essa questão, também implica numa espera sem fim. O Estado providencia muito mal alguma delegacia para atendimento nos casos de violência; poucas instituições de longa

permanência para a crescente demanda; reserva de vagas em transporte, moradia e estacionamentos, igualmente insuficientes para o número de idosos; e para atender as demais necessidades, somente ingressando com uma ação do Poder Judiciário para garantir minimamente um direito estabelecido em lei.

A resiliência é uma oportunidade de mudar para melhor. Perceber que precisa viver melhor, com qualidade de vida; e não criando adversidades para abreviar a própria vida. Ser resiliente é ter consciência da capacidade finita da matéria; de conviver com a crescente impotência para fazer algo, e de adaptar-se ao que pode ser feito. É fazer o caminho de volta a si mesmo; é uma oportunidade de voltar para o seu interior, de reconhecer uma existência exitosa ou não, mas de selecionar lembranças que foram prazerosas e deixar no passado aquelas dolorosas; de potencializar as emoções positivas e não se permitir acessar as negativas; é acima de tudo reafirmar a importância da vida na sua existência.

A resiliência é um campo em exploração incipiente, que merece um leque de investigações para proporcionar à pessoa na idade avançada uma melhor qualidade de vida. Sem dúvida há uma necessidade de maior envolvimento da sociedade civil nas questões dos idosos, de programas televisivos de informação e conscientização sobre essa etapa da vida, que também carece de políticas públicas mais sensíveis às causas do envelhecimento, ampliando a rede de proteção, não somente em relação à moradia e saúde, mas em outros direitos fundamentais, crença, liberdade de pensamento e expressão, etc.

A proposta deste artigo é mudar a cultura que se tem sobre as pessoas idosas como incapazes e dependentes. Não se pode generalizar pessoas, nem enquadrá-las em caixas de estereótipos fechados. Por que se acredita na capacidade humana de superação.

REFERÊNCIAS

ANGST, Rosana. Et. Al. Resiliência: a Universidade na Terceira Idade como fator de proteção. Anais do IX Congresso Nacional de Educação, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 26 a 29 de setembro de 2009, PUC-PR, pp. 4341-4353.

BARLACH, L.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.; MALVEZZI, S. O conceito de resiliência aplicado ao trabalho nas organizações. Revista Interamericana de Psicologia. V 42, N. 1, p. 101-112, 2008.

BRASIL. Sistema de Indicadores Sociais, 2015. In.: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. www.ibge.gov.br, acesso em 25 de janeiro de 2017.

_____. Estatuto do Idoso. Lei n. 12.741/03, Brasília: Senado Federal, 2003.

CONNOR, K. M. DAVIDSON, J.R.T. Davidson. Development of a new resilience scale: The Connor-Davidson resilience scale. Depression and Anxiety, 2003, pp. 18:76–82.

FERREIRA, A.B.H. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

- FORTES, Tatiane Favarin Rech. PORTUGUEZ, Mirna Wetters. ARGIMON, Irani Iracema de Lima. A resiliência em idosos e sua relação com variáveis sociodemográficas e funções cognitivas. *Estudos de Psicologia*; Campinas; 26(4) pp. 455-463 | outubro - dezembro 2009.
- GARMEZY, N. Stress-resistant children: The search for protective factors. In A. Davids (Ed.), *Recent research in developmental psychopathology*. Elmsford, NY: Pergamon Press, 1985, pp. 213–233.
- GROTBERG, E. H. Novas tendências em resiliência. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. e colaboradores. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 15-22.
- INFANTE, F. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- LEHR, Ursula. A revolução da longevidade: impacto na sociedade, na família e no indivíduo. *Estudos interdisciplinares do envelhecimento*, Porto Alegre, v. 1, p. 7-35, 1999.
- LUTHAR SS, ZIGLER E. Vulnerability and competence: a review of research on resilience in childhood. *Am J Orthopsychiatry* 1991; 61:6-22.
- MAZO, G. Z.; LOPOES, M. A.; BENEDETTI, T. B. *Atividade física e o idoso*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- MELILLO, A., SUÁREZ-OJEDA, E..N.; RODRÍGUEZ, D. (Orgs.). *Resiliencia y subjetividad: los ciclos de la vida*. Buenos Aires: Paidós, 2004.
- MINELLO, I, F. *Resiliência e Insucesso Empresarial: Um estudo exploratório sobre o comportamento resiliente e os estilos de enfrentamento do empreendedor em situações de insucesso empresarial*. Tese de Doutorado. FEA. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.
- NERI, A.L. et al. (org.) *Arranjos domiciliares, suporte social, expectativa de cuidado e fragilidade. Fragilidade e qualidade de vida na Velhice*. Campinas,SP:Editora Alínea, 2013.
- PESCE, Renata P.; ASSIS, Simone Gonçalves de; SANTOS, Nilton; OLIVEIRA, Raquel de V. Carvalhaes de. Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, v. 20, n. 2, p. 135-143, 2004.
- RUTTER, M. Psychosocial resilience and protective mechanisms. *Am J Orthopsychiatry*, 1987, 57:316-31.
- SOCCI, V. Religiosidade e o Adulto Idoso. In.: *Envelhecimento: referenciais teóricos e pesquisas*. Geraldina Porto Witter (org)., Campinas, SP: Editora Alínea, 2010.
- WAGNILD, G. M.; YOUNG, H. M. Development and psychometric evaluation of resilience scale. *Journal of Nursing Measurement*, 1 (2), 1993, 165-178.
- WERNER, E. E., SMITH, R.S. *Journeys from childhood to midlife: Risk, resilience and recovery*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 2001.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.